

images from our bodies like stones from above

Beatriz Brum

*Images from our bodies like stones from above*¹ é a primeira exposição individual de Beatriz Brum na Galeria Fonseca Macedo que continua a sua pesquisa em torno do invisível e do sensorial.

Em oposição à razão e ao conhecimento científico, a invisibilidade conecta-nos com o que desconhecemos e não tem nome, ao camuflado e secreto, ao imaterial e espiritual. Tem (em potência) a capacidade de desamarrar percepções e sensibilidades da estrutura do pensamento racional para reconhecer lugares de intuição, linguagens de cura e epistemologias alternativas. Aproxima-nos do que não vemos para revelar outras sensibilidades sobre o indivíduo e o cosmos - como um conhecimento ancestral.

Kandinsky, no seu livro *Do Espiritual na Arte*² procura libertar o ato artístico das suas tradicionais ligações à realidade material para reclamar uma “revolução espiritual” que permita expressar a vida interior de forma abstrata, não material e ancorada noutros termos e formatos. No fundo, propunha uma maior atenção ao invisível e ao indizível como estratégia para amplificar a imaginação estética e o devir social.

De modo espontâneo e intuitivo, o trabalho de Beatriz Brum tem gravitado em torno destas ideias, partindo da luz para explorar e questionar a materialidade do corpo, dos lugares e do que não é palpável. É um trabalho de procura, que olha para dentro para desenvolver uma linguagem depurada pela redução, que elimina o que não é essencial em procura do fundamental. Guia-se pela intuição e pelo aparente acaso, quebrando distinções entre planos, sujeito e objeto. Para Brum, a dimensão espiritual revela-se no espetro de cor/luz, nas suas intensidades e gradações entre o macro e microscópico. É nesta escala de amplitudes que a exposição se organiza: do corpo ao cosmos, do audível ao desconhecido, do movimento ao aparentemente estático.

Pensada como uma exposição-instalação, *Images from our bodies like stones from above* reúne um conjunto de peças inéditas que reconhecem a relação de escalas e a interconetividade da vida no tempo e no espaço. Interessada na ideia de que tudo é energia, Brum explora o estudo das auras e dos chakras³ como forma de acessar as “imagens dos nossos corpos”, e à informação que contém sobre o físico, o espiritual e o emocional. Como uma espécie de raio-x, a aura revela as energias extrafísicas que circundam os corpos de seres vivos, e o seu formato, cor, luminescência e intensidade confirmam a qualidade transitória (e instável) de toda a matéria. Estas dimensões já se sentiam no seu processo criativo que, continuamente procurou dar forma ao invisível e inominável. Agora, estas formas encontram sentido e eco e traduzem um amadurecimento sobre estas reflexões, sem ter a pretensão de provar a “verdade” destes conceitos, mas antes pensar a potência destas sensibilidades, a partir da sua produção e linguagem artística.

¹ Tradução livre: *Imagens de nossos corpos como pedras vindas de cima*

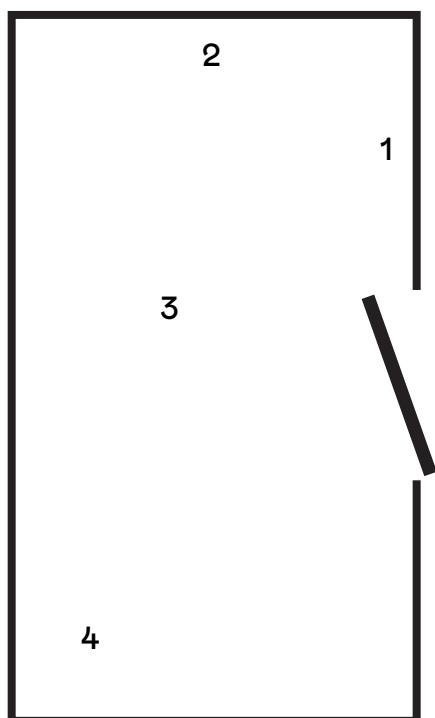
² KANDINSKY, Wassily - *Concerning the spiritual in art*, 1911;

³ Centros de energia localizados no eixo vertical do corpo que absorvem a energia vital (prana), para distribuí-la no indivíduo (no corpo, na mente e no espírito) e libertá-la para o exterior. Em sânscrito significa roda, círculo ou até vórtice.

Corpos subtis II - segundo momento de uma série que irá percorrer os sete chakras, introduz a escala humana e traduz, através da imagem em movimento e de um mantra, fluxos, processos e rituais meditativos e de cura, neste caso associados ao chakra sacral. Muitos desses rituais envolvem pedras ou cristais que têm a função de revigorar e equilibrar estes centros energéticos e estimular o poder de autocura, que Brum capta instantaneamente num conjunto polaroids, fixando as suas vibrações e eletromagnetismo. No chão, sobre um manto azul (a cor da consciência), quatro pinturas esquematizam as cores associadas aos diferentes chakras, que se devem equilibrar para atingir um alinhamento energético. Num regresso à pintura, *Acima de mim* mapeia lugares imaginários através de gestos e movimentos de materialidade efêmera que se situam entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande.

A exposição é um convite ao contacto e à imersão nestes conhecimentos e rituais ancestrais marginalizados pela razão empírica, onde o invisível pode ser essencial para (re)construir e repensar narrativas vigentes e representar outras realidades e identidades partilhadas, da comunalidade ao misticismo e a espiritualidade.

Jesse James



- 1
Polaroid I - IX, 2021
21 x 13 cm
- 2
Acima de mim, 2021
Tinta de ardósia e pastel seco sobre madeira
185 x 250 cm
- 3
Caixas de luz - vermelho e laranja; amarelo e verde; azul e azul índigo e roxo, 2021
Pastel seco em papel de arquiteto sobre luz
60 x 70 cm
- 4
Corpos Subtis II, 2021
Video e som
100 x 200 cm
Colaboração:
Marco Machado - Edição de vídeo
Tomás Ornelas - edição de som

Ficha Técnica

Curadoria Jesse James

Produção e montagem Luís Brum

Carpintaria Mário Jorge Martins Brum

Apoio vaga - espaço de arte e conhecimento